



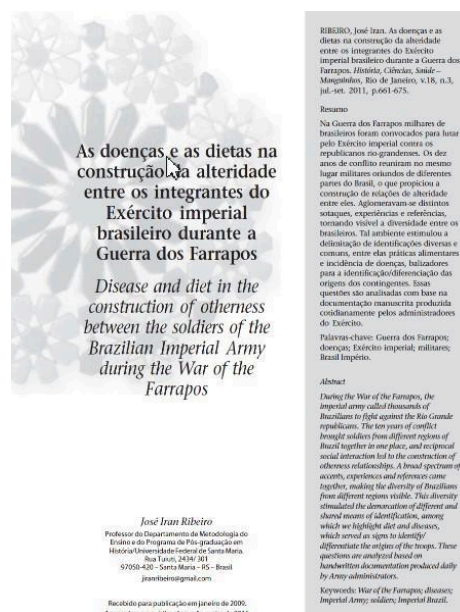
ENTRE CORPOS E FRONTEIRAS: SAÚDE, ALIMENTAÇÃO E DIFERENÇA EM TEMPOS DE GUERRA

Eduardo Ferreira Dom do Amaral¹
Ricardo Vinicius Brum Cenci²

Referência:

RIBEIRO, José Iran. As doenças e as dietas na construção da alteridade entre os integrantes do Exército imperial brasileiro durante a Guerra dos Farrapos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Ano 18, Vol.18, n.3, p. 661-675, jul.-set., 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9kqwvX75K3q4bZctHYvVxrtP/?lang=pt&format=pdf>.



Esta é uma resenha do artigo intitulado *As doenças e as dietas na construção da alteridade entre os integrantes do Exército imperial brasileiro durante*

¹ Acadêmico de Medicina - UFFS Campus Chapecó - eduardo.dom11@gmail.com

² Acadêmico de Medicina - UFFS Campus Chapecó - ricardovbcenci@gmail.com



a *Guerra dos Farrapos*. O autor é José Iran Ribeiro, graduado em Licenciatura Plena em História pela UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), mestre em História pela PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica) e doutor em História Social pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Seu trabalho acadêmico repercute a área da educação e da História do Brasil, concentrando produções sobre a construção identitária do povo rio-grandense e os conflitos sul-fronteiriços nos tempos de Brasil Imperial.

O artigo utiliza fontes históricas como relatórios militares, correspondências e registros administrativos, o que confere consistência à análise. Contudo, conforme reforçado pelo próprio autor, a escassez de fontes associadas à saúde no tempo da Guerra dos Farrapos limita a profundidade que a investigação demanda. Apesar disso, a abordagem qualitativa é adequada ao estudo pois permite compreender os significados que os sujeitos atribuem aos fatos. Em vez de reduzir o agente histórico ao determinismo, a metodologia o enxerga inserido em relações sociais complexas, aproximando o leitor do cotidiano da Guerra.

Durante a Guerra dos Farrapos, os milhares de brasileiros convocados para lutar pelo Exército Imperial foram responsáveis pela criação de uma alteridade entre a própria população e entre si. As diferentes origens concentradas em torno do contingente farroupilha reverberam no choque, tanto atrativo quanto repulsivo, de hábitos, crenças e percepções, que puderam ser reforçadas pelo condicionamento físico, atributos genéticos e padrão alimentar, especialmente no que condizia entre a tropa sulista e nortista.

O autor desenvolve as ideias centrais em torno das particularidades de adaptação e de comportamento dos diferentes grupos de militares que compuseram o efetivo enviado para conter o movimento revolucionário farroupilha. Por meio da história da saúde, Ribeiro analisa como as doenças e os hábitos alimentares contribuíram para a construção de diferenças sociais e simbólicas entre os integrantes do Exército Imperial brasileiro no contexto do conflito. Tal investigação surge a partir da compreensão de que a experiência vivenciada pelos combatentes nortistas (soldados do norte, nordeste e centro oeste) diante das condições climáticas, culturais e de saúde foi amplamente distinta daquela partilhada pelos sulistas. Ainda sob essa



linha de raciocínio, Ribeiro enfatiza as distinções específicas entre o cotidiano vivenciado pelo corpo militar e civil brasileiro.

Nesse sentido, o objetivo do artigo é esmiuçar e analisar os aspectos multifatoriais que levaram ao resultado final do conflito, aliás, que por muito tempo, permaneceram obscurecidos por apurações meramente heróicas em estudos historiográficos. No entanto, aqui o enfoque é outro, Ribeiro proporciona voz aos agentes históricos por meio da consideração de seus hábitos, origens e motivações (p. 662-665).

A justificativa de leitura trazida pelo texto elucida mais que um ponto de vista plenamente histórico, abarca um âmbito político-social. Engloba a problematização no acesso à direitos básicos do cidadão e do militar, como moradia, alimentação adequada e saúde e, por isso, requer a atenção de profissionais de múltiplos campos do conhecimento, sobretudo da área da saúde. Além do mais, o artigo traça um panorama epidemiológico do Brasil Imperial, tendo em vista a breve discussão sobre doenças e condições sanitárias do período.

Como ponto de partida, o autor elenca um importante conceito sociológico, visualizado logo no título: o de alteridade, isto é, o processo de construção do “outro” a partir de diferenças percebidas e socialmente elaboradas. Dessa forma, o texto desenvolve-se a partir das recuperação das diferentes perspectivas das experiências vivenciadas pelos soldados rio-grandenses e àquelas advindas das experiências dos soldados do norte, sudeste e nordeste. O primeiro elemento destacado pelo autor, sendo um forte contribuinte para a análise do fenômeno da alteridade, é o clima. Apesar de que todos os combatentes estivessem expostos ao intenso frio invernal rio-grandense, a dificuldade de adaptação do efetivo nortista, somado a fatores culturais de alimentação e à insalubridade das instalações, reverberou no alto número de hospitalizações sofridas por essa parte do efetivo (p. 661-664). Esse argumento é sustentado por citações de comandantes militares ao longo do texto, como do próprio Barão de Caxias, ao afirmar que cerca de dois terços do reforço acabaram povoando hospitais em algum momento (p. 663).

Sob essa lógica, o autor mostra que o clima, sozinho, não explica integralmente o adoecimento das tropas. A doença também dependia das



condições concretas de vida às quais os indivíduos estavam submetidos. Nesse ponto, a situação dos soldados era diferente da população civil, uma vez que os militares enfrentavam longas marchas, noites ao relento, postos de guarda, deslocamentos exaustivos, abastecimento irregular e alojamentos improvisados, onde geralmente sofriam pela alta insalubridade. Por outro lado, civis, embora também estivessem expostos ao frio e à umidade do sul, possuíam maior mobilidade e autonomia para evitar ou diminuir essas situações adversas. Com isso, Ribeiro evidencia que o adoecimento dos combatentes não decorria apenas de fatores naturais, mas de uma experiência

militar específica, atravessada por privações materiais que agravavam a vulnerabilidade física e reforçaram a percepção de diferença entre aqueles corpos submetidos à guerra (p. 664-665).

Por conseguinte, o autor demonstra que o conflito não se limitou apenas ao enfrentamento entre forças do Império e revoltosos farroupilhas, mas também envolveu a reprodução de diferenças internas dentro do próprio Exército Imperial. Soldados oriundos de diversas regiões, reunidos no sul do país ao longo de quase uma década, passaram a conviver juntos e em condições adversas, permitindo perceber diferentes contrastes entre: origem, hábitos e resistência física. Nesse sentido, doenças e hábitos alimentares têm papel central na constituição de identidades e reforçam a alteridade entre os diferentes combatentes (p. 661-662).

Além disso, Ribeiro insere a discussão em um campo historiográfico amplo, ao mobilizar referências comparativas sobre outros contextos militares, como o europeu e o paraguaio - sob o cenário da Guerra do Paraguai -, e baseando-se em argumentos de estudiosos como Eric Hobsbawm, enfatiza que as doenças matavam mais do que o próprio inimigo. Esses aspectos denotam a relevância de sua análise sobre a relação entre guerra, doenças e condições de vida.

Uma das explicações para a construção da alteridade entre os dois grupos de militares deveu-se aos hábitos alimentares. Combates do Rio Grande do Sul estavam acostumados à alimentação local, baseada principalmente na carne bovina. Em contrapartida, soldados vindos do Norte brasileiro e de outras regiões não se encontravam habituados àquele regime



alimentar, tornando-se pouco condicionados às atividades de campo, portanto, muito em razão dessa baixa variedade nutricional oferecida no Exército. A exemplo disso é mencionada a farinha, um componente muito comum para a alimentação dos nortistas e que foi completamente substituída pela carne-verde, essa que se mostrou uma proteína de difícil digestão para grande parte deste determinado efetivo, uma vez que seu consumo, não raramente, poderia causar disenterias. Tal observação permite compreender de que maneira uma realidade de guerra comum impactava diferentemente certos indivíduos e grupos no Exército Imperial.

Ademais, o autor evidencia que a alimentação funcionava como marcador social. Oficiais, por exemplo, tinham acesso a dietas mais variadas e consideradas “adequadas”, enquanto soldados frequentemente enfrentavam escassez alimentar e consumiam produtos de menor qualidade. Essa diferenciação não apenas refletia desigualdades já existentes, mas também contribuía para reforçá-las simbolicamente, associando determinados grupos a padrões de maior ou menor “civilização” (p. 669-670).

Posteriormente, o artigo discute o papel das doenças nesse processo. Certas enfermidades eram associadas a condições de vida precárias, sendo frequentemente atribuídas aos segmentos mais vulneráveis da tropa. Dessa forma, o adoecimento não era interpretado apenas como fenômeno biológico, mas também como expressão de características morais e sociais dos indivíduos. Essa associação contribuía para estigmatizar determinados grupos, reforçando hierarquias internas.

Outro fator crítico para a precarização do acesso ao tratamento durante o período explica-se pela escassez de efetivo médico-militar para atender as demandas do Exército. Isso ocorria, porque grande parte dos cirurgiões encontravam melhores condições de emprego fora da instituição, onde recebiam salários mais altos e corriam menor risco de insalubridade. Por esse motivo, comumente soldados eram enviados a hospitais da Corte para cuidar de suas enfermidades, o que não só gerou sobrecarga nas vagas de internação, como também subsidiava tal competência à Metrópole.

Em relação aos registros hospitalares e mapas de doentes, Ribeiro mobiliza essa documentação de forma pertinente e demonstra cuidado ao não transformar os dados em prova absoluta, reconhecendo as limitações das



fontes e o impacto da transferência dos casos mais graves para a Corte. Esse procedimento revela rigor metodológico e impede conclusões apressadas. Porém, por depender de registros administrativos e hospitalares produzidos pelas autoridades militares, a análise permanece condicionada por um olhar institucional que classifica, seleciona e interpreta os corpos adoecidos segundo interesses próprios da administração imperial. Assim, os dados fortalecem a pesquisa, mas também exigem cautela, pois não permitem acesso direto à experiência dos soldados nem autorizam uma leitura plenamente objetiva da incidência das doenças, o que torna ainda mais relevante a dimensão interpretativa assumida por Ribeiro ao tratar a enfermidade como marcador de alteridade, ou seja, processos de reconhecimento e produção da diferença na relação com outro.

No campo crítico, o artigo apresenta importantes contribuições. Ao articular alimentação, doença e alteridade, amplia a compreensão da medicina para além de sua dimensão biológica, evidenciando seu papel na construção de hierarquias sociais. Além disso, ao situar a análise no contexto da Guerra dos Farrapos, o texto contribui para a historiografia regional, destacando aspectos pouco explorados do cotidiano militar. Entretanto, algumas limitações podem ser apontadas. O foco interpretativo, embora enriquecedor, por vezes reduz a exploração de dados quantitativos que poderiam dimensionar melhor a ocorrência das doenças ou a distribuição alimentar. Também existem poucos elementos numéricos para mensurar com maior precisão a incidência das enfermidades e frequências com que determinados gêneros alimentares apareciam na rotina das tropas. Por outro lado, a análise evidencia que, mesmo em contextos militares e de guerra, a saúde não pode ser dissociada de fatores culturais, políticos e econômicos.

Conclui-se que o estudo amplia a compreensão sobre o papel da medicina e das práticas de saúde na construção de diferenças sociais, mostrando que doenças e dietas funcionam como elementos centrais na produção de alteridades dentro do Exército imperial. Dessa forma, o artigo contribui para uma visão mais crítica e complexa da história da medicina, sendo particularmente relevante para áreas como saúde coletiva, história da medicina e da saúde e formação médica.